

Brasil vai dever menos. Má notícia

A dívida externa brasileira vai ser menor no final deste ano. Passará de 121 bilhões de dólares, registrados em dezembro de 1987, para 107 bilhões de dólares. Não é uma boa notícia. O País pagará este ano algo entre 12 e 14 bilhões de dólares só de juros. A meta prevista para a balança comercial é um saldo positivo de 14,5 bilhões de dólares. Em suma: quase todo o esforço exportador está comprometido com o serviço (pagamento do principal e dos juros) da dívida.

O maior nó da dívida atualmente é uma parcela de 600 milhões de dólares prometida pelos bancos privados para janeiro — mas que até agora não saiu. Quando renegociou o acordo da dívida em setembro, o Brasil ouviu dos credores a promessa de que receberia essa quantia caso o Banco Mundial liberasse outros 600 milhões de dólares para o setor elétrico. Nada feito. O Banco Mundial re-

teve a parcela, porque desconfiava que o dinheiro seria usado no programa nuclear brasileiro. Resultado: os bancos também não liberaram os seus 600 milhões de dólares.

Um avanço foi obtido na semana passada, quando um dos negociadores da dívida, Sérgio Amaral, acertou com o presidente do comitê de credores privados, William Rhodes, um esquema alternativo para receber os 600 milhões de dólares dos bancos. Ou outros 600 milhões de dólares, do Banco Mundial, serão repassados por contagiotas, projeto a projeto, impedindo que sejam utilizados no programa nuclear.

Se por algum motivo esse dinheiro não vier, o Brasil não poderá honrar seus compromissos externos este ano. Terá que renegociar mais uma vez a dívida ou até mesmo voltar a decretar a moratória, como deixou claro o ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, ao anunciar o Pla-

no Verão, em 15 de janeiro. Mailson afirmou que a moratória poderia ser decretada se o nível de reservas do Brasil — os dólares que estão em caixa — caísse para um patamar perigoso, que seria de 4 bilhões de dólares. O Brasil já estaria próximo desse patamar.

Dinheiro novo, de verdade, o Brasil não deve ver em 1988. A soma de 1,2 bilhão de dólares ficará com os próprios credores, após uma operação contábil. Mas só há uma chance de tudo correr bem para o Brasil este ano: se a taxa de juros da dívida não subir. A dívida brasileira junto aos bancos privados sofre a influência de duas taxas: a **prime rate**, a taxa preferencial praticada nos Estados Unidos, e a **Libor**, a taxa interbançária de Londres. E a **prime** já começou a subir, apenas meio ponto percentual no mês passado, mas que pode representar centenas de milhões de dólares a mais no serviço da dívida.